

Leitura em segunda língua: a compreensão por meio da construção de esquemas

Lecture en langue seconde: compréhension par la construction de schémas

Andreana Carvalho de Barros Araújo

Universidade Federal do Piauí – Piauí – Brasil

Lidiany Pereira dos Santos

Universidade Federal do Piauí – Piauí – Brasil



Resumo: Os leitores exercem um importante papel no processo de compreensão textual, ativando seus conhecimentos e experiências de mundo para alcançar tal contribuição. Nesse processo, eles constroem esquemas mentais que contribuemativamente para a compreensão. O presente trabalho busca apresentar de forma sucinta alguns conceitos a respeito da leitura em uma perspectiva sociocognitivista, refletindo sobre o acionamento de esquemas em segunda língua e de que modo os leitores os constroem. Para a realização deste trabalho, selecionamos dois textos em língua francesa e observamos possíveis esquemas que são construídos conforme o conhecimento do leitor. Destacamos que o leitor e seu conhecimento de mundo fazem toda diferença no processo de leitura e, na segunda língua, isso fica ainda mais contundente, dados os diferentes níveis de proficiência leitora e os conhecimentos extralingüísticos relacionados à segunda língua. Desse modo, a compreensão em alguns momentos se mostrou mais complicada, devido a alguns elementos que são problemáticos ao leitor estrangeiro de nível iniciante ou intermediário.

Palavras-chave: Leitura. Segunda língua. Compreensão. Esquemas mentais.

Résumé: Les lecteurs jouent un rôle important dans le processus de compréhension textuelle, activant leurs connaissances et leurs expériences du monde pour y contribuer. Ce faisant, ils construisent des schémas mentaux qui contribuent activement à la compréhension. Cet article vise à présenter brièvement quelques concepts relatifs à la lecture d'un point de vue sociocognitif, en réfléchissant à l'activation des schémas en langue seconde et à la manière dont les lecteurs les construisent. Pour mener à bien ce travail, nous avons sélectionné deux textes en français et observé des schémas possibles construits en fonction des connaissances du lecteur. Nous soulignons que le lecteur et sa connaissance du monde font toute la différence dans le processus de lecture, et que, dans la langue seconde, cela devient encore plus frappant, compte tenu des différents niveaux de compétence en lecture et des connaissances extralinguistiques liées à cette langue. Ainsi, la compréhension s'est parfois avérée plus complexe, en raison de certains éléments problématiques pour les lecteurs étrangers de niveau débutant ou intermédiaire.

Mots-clés: Lecture. Langue seconde. Compréhension. Schémas mentaux.

1 Introdução

Como sujeitos letrados, muitas vezes, não nos damos conta da complexidade e amplitude do processo de leitura em nossa vida. Porém, algumas situações nos fazem refletir sobre o quanto importante é a leitura e o quanto ela é complexa. O processo de aprendizagem da leitura formal (alfabetização), em sua maioria, ocorre na primeira infância, no entanto, a cada dia nos aprimoramos nessa arte.

A verdade é que a alfabetização é apenas a ponta do *iceberg* no universo da leitura. Aprender a decodificar os signos nos permite o acesso ao mundo da escrita, mas, bem antes disso, outras leituras permeiam a vida dos seres humanos. E, embora a sociedade moderna confira muita importância à alfabetização, sabemos que apenas ser alfabetizado não confere a ninguém uma desenvoltura adequada e suficiente nos processos de compreensão do texto lido.

Na leitura em língua estrangeira, mesmo na idade adulta, surgem muitas dificuldades. Nesse momento, damos-nos conta de que apenas decodificar não é suficiente e não nos torna capazes de compreender o que lemos. Esse tipo de leitura é uma excelente forma de reflexão sobre os processos de compreensão do que lemos, pois percebemos nossa incapacidade de compreender o que conseguimos decodificar facilmente. Ler em língua estrangeira coloca a leitura em uma lupa e traz à tona dificuldades que passam despercebidas quando lemos em língua materna.

Neste trabalho, buscamos explorar o modo como o leitor lança mão de esquemas a partir de indícios textuais, ativando seus conhecimentos de mundo para compreender o texto em uma segunda língua. Independentemente do nível de proficiência ou dos conhecimentos prévios do leitor a respeito do assunto a ser lido ou do seu contexto, todos constroem esquemas. Sabemos que a leitura em segunda língua amplifica as dificuldades que se possam ter na primeira língua para além das questões linguísticas, visto que os contextos de produção e interpretação textual são outros. Somam-se a isso as

diferenças socioculturais entre leitor e produtor que podem acarretar interpretações inadequadas ou distorcidas.

Nosso interesse nesse estudo é resultado de experiências pessoais com uma segunda língua. Desse modo, buscamos levantar alguns conceitos a respeito da leitura e como se dá o acionamento de esquemas para a compreensão textual.

2 O processo de leitura

Ler não se limita apenas ao processo cognitivo em si. Martins (2012, p. 13) afirma que a leitura, apesar de ser um aprendizado mais natural do que imaginamos, é, ao mesmo tempo, extremamente complexa. Ler envolve muito mais que decodificação há “todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das suas circunstâncias de vida”. A autora ainda acrescenta que aprendemos a ler vivendo. As afirmações da autora destacam a leitura em outro patamar, apresentando-a para além do mundo da escrita. Lemos textos escritos e, melhor ainda, lemos o mundo e isso ocorre desde a mais tenra idade.

Para Leffa (1996, p. 10), de modo geral, “ler é um processo de representação”, ou seja, “olhar para uma coisa e ler outra”. O autor explica que fazemos uso de segmentos da realidade para, desse modo, alcançar outros. Nesse conceito mais amplo, lemos desde a palavra escrita até objetos.

Em uma definição mais restrita, Leffa (1996) considera que a leitura pode ocorrer em duas direções distintas, levando em consideração leitor e texto. Uma das possibilidades é que a leitura aconteça do leitor para o texto, nesse caso, o leitor atribui significado ao texto. A outra possibilidade é de que ela ocorra no sentido inverso, do texto para o leitor, pois este extrai o significado do texto. Esse conceito corrobora com o pensamento de Solé (1998, p. 22, apud Solé, 1987a) de que leitura é “um processo de interação entre leitor e texto”.

A leitura não é um caminho estático de mão única. Ela envolve alguns elementos cruciais para que se ultrapasse a mera decodificação. Assumir que ler é

a interação entre leitor e texto implica na presença de um leitor ativo e de um objetivo para guiar a leitura. Dentro dessa perspectiva, a interpretação do texto fica atrelada aos objetivos e, em grande parte, se mostra dependente dele. Outro resultado dessa concepção de leitura é que o leitor é o responsável pela construção do significado do texto, ou seja, os conhecimentos prévios de cada leitor acabam levando-os a caminhos diferentes em relação à interpretação. É importante ressaltar que isso não quer dizer que o texto não tenha um sentido em si, mas a interação com o leitor possibilita variações de sentidos (Solé, 1998).

Ainda para Solé (1998), entender a leitura dessa forma implica, principalmente, que ler está sempre relacionado à compreensão do texto escrito. Assim, ler envolve habilidades de decodificação, a criação de objetivos para cada leitura, conhecimentos prévios, processos de revisão e inferência que se ancoram no texto e em nossas experiências e também em um processo no qual seja possível encontrar evidência ou refutar as previsões e inferências realizadas ao longo da leitura.

Em resumo, como explica Leffa (1996, p. 14), “ler é atribuir significado ao texto”. Essa atribuição de significado, no entanto, só ocorre devido aos fatores que citamos anteriormente. Não é, de forma alguma, um processo linear e passivo, já que depende sempre da interação complexa e constante entre leitor, texto e contexto, de acordo com Marques e Silvano (2019).

Visto que a leitura é complexa, é correto afirmar que, em termos de cognição, o processamento dos textos passa por várias etapas, como veremos a seguir.

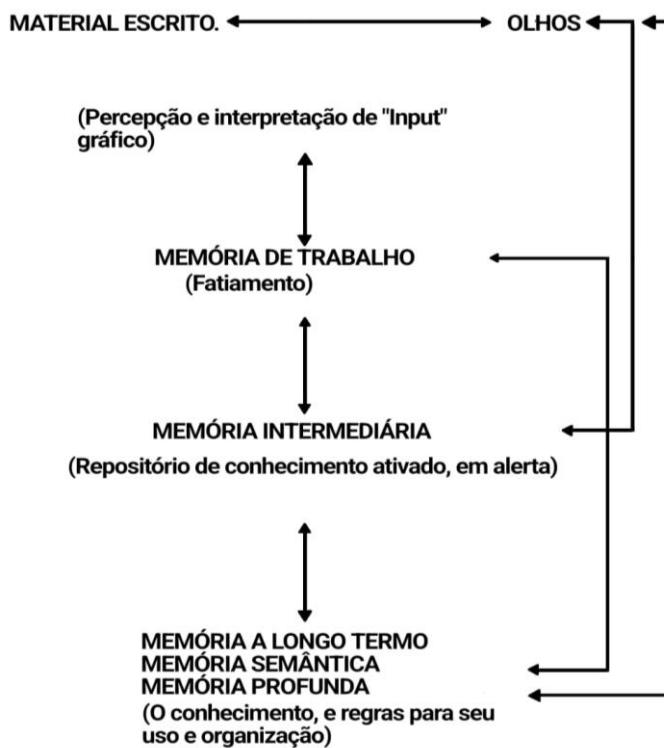
3 O processamento cognitivo

Não podemos estudar a leitura sem, antes de tudo, considerarmos os aspectos cognitivos dessa atividade. Conforme Kleiman (2007), no primeiro momento, a leitura passa por um processamento cognitivo do texto que começa com a atividade de apreender o objeto por meio da visão a fim de interpretá-lo.

O processamento da informação é um aspecto cognitivo da leitura que começa com a percepção do material linguístico e é concluída com o processo de fatiamento que diz respeito aos mecanismos utilizados para agrupar esse material em unidades maiores, as sintáticas. O processo de fatiamento é a etapa que precede a interpretação semântica (Kleiman, 2007). Nesse processo, entra em cena a memória de trabalho que, nas palavras de Baddeley e Hitch (1974) *apud* Gabriel, Morais e Kolinsky (2016), refere-se a um sistema de caráter dinâmico que, além de armazenar informações temporariamente, também manipula e processa essas informações e isso permite que as pessoas executem as tarefas de raciocínio, aprendizagem e compreensão.

Como já citamos anteriormente, Kleiman (2007) explica que o processamento começa com a percepção do material escrito através dos olhos. Em seguida, a memória de trabalho entra em ação, organizando esse material em unidades significativas. Em auxílio da memória de trabalho, surge a memória intermediária que traz à tona conhecimentos que são relevantes para a compreensão textual. Esses conhecimentos utilizados na compreensão são selecionados dentre todo conhecimento que está armazenado em nossa memória de longo prazo. A figura abaixo mostra de forma mais concisa esse processo.

Figura 1 – Mecanismos e capacidades envolvidas no processamento do texto



Fonte: Kleiman (2007)

4 Leitura e compreensão em segunda língua

A figura acima resume o processamento cognitivo do texto que, para Marcos e Silvano (2019), pode ser dividido em processo de decodificação (microprocesso) e processo de compreensão (macroprocesso). A decodificação em si abrange duas dimensões, a perceptiva e a lexical. Já a compreensão remete aos conhecimentos cognitivos gerais, às capacidades e conhecimentos linguísticos e a três variáveis importantíssimas, leitor, texto e contexto. Em outras palavras, a soma de decodificação e compreensão gera um leitor proficiente.

Em suma, na visão de Marcos e Silvano (2019), a compreensão só acontece quando o leitor consegue ir além daquilo que está explícito no texto, criando um modelo situacional. Para que isso aconteça de fato, o leitor precisa integrar as informações que ele retirou do texto aos seus conhecimentos de mundo e aos objetivos de leitura.

Em se tratando de uma segunda língua, o processo de leitura supracitado pode ser mais complexo ainda. O aprendizado da leitura em uma língua estrangeira depende de alguns critérios que, na maioria dos casos, já foram adquiridos anteriormente. Isso se trata principalmente de leitores adultos ou com certo nível de experiência, já que para ser alfabetizado em uma língua, Kato (1985) explica que são necessários alguns pré-requisitos, como o desempenho linguístico, a diferenciação de linguagem, a consciência da natureza simbólica da escrita, a capacidade para a análise segmental, a capacidade para reconhecer a autonomia da escrita e a capacidade da discriminação visual. No entanto, quando se trata de leitores adultos, esses pré-requisitos já foram adquiridos. O fato é que as habilidades de ler em uma língua são transferidas para outra, de modo a facilitar o processo de aprendizagem de certa forma.

Fazemos uso de estratégias para a leitura em segunda língua de modo a facilitar a compreensão. A ancoragem linguística, para Courtillon (2003), é uma dessas estratégias que são extremamente importantes para a leitura em segunda língua. É algo que fazemos intuitivamente, explorando as relações de vizinhança entre as línguas, comparando e aproximando-as.

Mesmo quando se trata de uma leitura instrumental em segunda língua, necessitamos das competências linguística, discursiva, referencial e sociocultural, conforme Demons e al (2005). Somente a competência linguística não é suficiente, todavia ela é essencial e o primeiro passo para a leitura em uma segunda língua. As outras competências vão complementá-la para atingir o nível da compreensão.

A competência linguística, dependendo do nível, pode se tornar um problema para a construção de inferências. Com isso, nos referimos a um léxico limitado, desconhecimento de expressões, não domínio das regras sintáticas, entre outros. A verdade é que um déficit nesse nível pode acarretar sérios problemas de compreensão, embora o sentido do texto seja construído como um todo e seja possível que se comprehenda o sentido global do texto mesmo com dificuldades linguísticas severas, como as mencionadas acima.

É importante ressaltar que a competência comunicativa envolve as habilidades de falar, escutar, ler e escrever. Para isso, é necessário desenvolver as competências linguística e textual. A primeira se refere à capacidade de estruturar frases, orações e períodos gramaticalmente aceitos em uma dada língua. A segunda diz respeito à elaboração de textos, seu reconhecimento quanto tipologia, sua compreensão e eventual transformação.

Todavia, as dificuldades na assimilação do conteúdo não se restringem à competência linguística. No que diz respeito ao componente discursivo, é imprescindível salientar que os discursos se adaptam aos mais diversos tipos de situações comunicativas e, se falta esse entendimento, a compreensão final também será comprometida. Esse é um problema bem recorrente nos usuários de uma segunda língua, muitas vezes até há um conhecimento linguístico

razoável, porém há um déficit nesse componente discursivo. Isto é, conhecer as regras linguísticas básicas não basta, é imprescindível que os falantes consigam se adequar às situações de interação comunicativa para uma compreensão adequada e eficiente.

Independentemente da língua utilizada, na leitura, fazemos uso dos elementos linguísticos fornecidos pelo texto e também extralingüísticos para alcançarmos o objetivo principal, a compreensão. Além disso, os conhecimentos de mundo adquiridos por cada indivíduo vão ajudar nesse processo. Desse modo, a significação do texto deve ser construída pelo leitor, como explica Kleiman (2004), o texto vai apenas sugerir um significado por meio de seus elementos formais.

5 A teoria de esquemas

Ler é interagir com o texto, nas palavras de Leffa (1996). Essa interação busca sempre um objetivo maior, compreender. Para isso, interagimos com o texto de diversas formas. O texto, conforme Cunningham et al. (1981 apud Leffa, 1996) pode ser comparado à construção de um prédio, destacando elementos, como a planta, o arquiteto, construtor, o processo de construção e o prédio pronto. Trazendo para o texto, aquele que escreve o texto é o arquiteto; o texto é a planta; o leitor diz respeito ao construtor; o processo de compreensão se compara à construção do prédio; e, por fim, o resultado dessa compreensão é o prédio construído. É importante ressaltarmos que qualquer problema ou dificuldade entre uma etapa e outra vai afetar diretamente o resultado final.

Assim como um construtor precisa ter conhecimentos suficientes para ler uma planta e colocar em prática o projeto, o indivíduo também precisa ter uma representação de mundo para compreendê-lo. Não podemos compreender, por exemplo, o que é o emaranhamento quântico sem noções básicas de física quântica. E, a depender do que vamos ler, talvez noções básicas não sejam suficientes. Leffa (1996) explica que não basta ao leitor saber o significado de palavras e como funciona

sua sintaxe, mas unir tudo em uma unidade maior de significação e, nesse caso, podemos retomar a importância do componente discursivo. No entanto, todo esse processo acontece de modo bastante individual, baseado em experiências que vivenciamos e conhecimentos que construímos ao longo da vida.

"Segundo Bartlett, o mundo é percebido através de estruturas cognitivas que se, por um lado, sofrem alterações com a nossa experiência, por outro, também provocam uma alteração no mundo para que possamos percebê-lo" (Leffa, 1996, p. 34). É exatamente essa estrutura cognitiva que foi chamada de esquema por Bartlett. Para melhor esclarecer o conceito, "os esquemas são estruturas abstratas, construídas pelo próprio indivíduo, para representar a sua teoria do mundo" (p. 35).

Os esquemas são formados por variáveis, assim, o que vai definir esse esquema é a configuração das variáveis utilizadas. Essas estruturas cognitivas formam redes entre si, não se trata de um sistema desorganizado. E, dentro do próprio esquema, as relações entre as variáveis ocorrem de modo flexível, sem uma hierarquia rígida, mas sempre com a possibilidade dessas variáveis ocuparem diferentes níveis de importância em relação aos outros elementos. O leitor aciona um esquema geral e vai agregando o que lhe é mais adequado para a compreensão, segundo seu próprio conhecimento de mundo. (Leffa, 1996)

É importante evidenciar que, segundo Leffa (1996), em se tratando de construção de conhecimento, esses esquemas vão se alterando, ramificando-se e evoluindo conforme as experiências individuais acontecem. Tanto há a possibilidade de agregar novos elementos como de descartar o que não interessa mais. O resultado disso é que, cada vez mais, os esquemas se tornam mais específicos e, consequentemente, mais eficientes para interpretar a realidade.

6 Acionando os esquemas

Dependendo da fluência na língua em questão, as dificuldades podem ser maiores ou menores. No entanto, isso não quer dizer que na língua que dominamos a compreensão seja imediata. O título do texto, por exemplo, é a primeira coisa que chama a nossa atenção e, a partir dele, fazemos previsões sobre a leitura, bem como inferências e construímos esquemas que usaremos para compreender o texto.

Como já evidenciamos, todos os elementos que nos ajudam na compreensão são baseados em nosso conhecimento linguístico, discursivo, referencial e sociocultural. Assim, os esquemas que construímos também serão baseados nesses conhecimentos. É importante ressaltar que os textos também têm níveis de complexidade diferentes e isso também vai interferir na compreensão.

A seguir, exploraremos dois textos, apresentando o título e um pequeno trecho para exemplificar algumas possibilidades de construção dos esquemas.

Texto 1

Exposição: Declaração de Amor de Douglas Gordon a Alberto Giacometti.

Em Paris, o artista escocês assume as obras do escultor suíço, fazendo-nos vivenciar com sucesso seus relevos.

Como sabemos, é estritamente proibido tocar em obras em museus. No entanto, Douglas Gordon não é conhecido por obedecer a essas proibições. Seja tocando um filme de Hitchcock ou o rosto de uma estrela de cinema, o artista escocês, nascido em 1966, os submete a sérios atentados. Convidado para o Instituto Giacometti em Paris, ele assumiu a proibição do toque. Essa proibição é particularmente desagradável quando se aplica às obras de Giacometti. Há, sem dúvida, excelentes razões para seu respeito: as superfícies de gesso são frágeis, as armações de arame são perturbadoramente claras e as cores com as quais o escultor frequentemente

tatuava corpos e rostos sofriam ao menor contato (tradução nossa)¹.

Texto 2

Professores que dão seus 06 aos pais: "Me pergunto se me envolvi em uma espiral sem fim."

PESQUISA: Compartilhar ou não o número de telefone? Metade dos professores fez isso durante os lockdowns. Alguns estão se culpando. Outros veem isso como uma forma de envolver as famílias na educação e abrir a escola. Uma pequena revolução no telefone.

Quando seu filho mais novo começou o jardim de infância em Rouen, Sophie (algumas pessoas pediram anonimato) teria alegremente desempenhado o papel de fada do dente para observar seu filho de 3 anos. Ela não precisou se esforçar: a professora criou um grupo de WhatsApp com todos os pais para enviar fotos e comentários em áudio ao vivo: oficinas de pintura, sessões de leitura, etc. "Há um lado reconfortante nisso. O jardim de infância é uma grande mudança tanto para a criança quanto para os pais" (Tradução nossa)².

Os dois títulos apresentam conteúdos completamente diferentes, exigindo do leitor conhecimentos bem específicos de língua e de mundo.

¹ Original: Exposition : la déclaration d'amour de Douglas Gordon à Alberto Giacometti

A Paris, l'artiste écossais s'empare des œuvres du sculpteur suisse, dont il réussit à nous faire éprouver les reliefs. Comme on le sait, il est strictement interdit de toucher aux œuvres dans les musées. Or, Douglas Gordon n'est pas réputé obéir aux interdictions. Qu'il s'empare d'un film de Hitchcock ou du visage d'une vedette du cinéma, l'artiste écossais, né en 1966, leur fait endurer des atteintes sérieuses. Invité à l'Institut Giacometti à Paris, il s'est donc attaqué à la prohibition du toucher. Celle-ci est particulièrement désagréable quand elle s'applique aux Giacometti. Sans doute y a-t-il d'excellentes raisons pour qu'elle soit respectée : les surfaces de plâtre sont fragiles, les armatures de fil de fer d'une inquiétante légèreté et les couleurs dont le sculpteur tatouait souvent corps et visages souffriraient au moindre contact.

² Texto original: Ces profs qui donnent leur 06 aux parents : « Je me demande si je n'ai pas mis la main dans un engrenage infini » ENQUÊTE: Transmettre ou pas son numéro de téléphone ? La moitié des professeurs l'ont fait pendant les confinements. Certains s'en mordent les doigts. D'autres y voient une manière d'associer les familles à la scolarité et d'ouvrir l'école. Petite révolution au bout du fil.

Lorsque sa dernière est entrée en petite section de maternelle à Rouen, Sophie (certaines personnes ont requis l'anonymat) aurait bien joué à la petite souris pour observer son enfant de 3 ans. Elle n'a pas eu besoin de se contorsionner : l'enseignante a créé un groupe WhatsApp incluant tous les parents, pour leur transmettre photos et commentaires audio en direct: ateliers peinture, séances lecture, etc. « Il y a un côté rassurant. La petite section, c'est un sacré changement pour l'enfant et les parents. »

Ambos foram retirados do site de notícias *Le Monde*, porém de diferentes seções. O texto 1 foi retirado da seção dedicada à cultura, e o texto 2, de uma seção pessoal. Por se tratar de um site de notícias, a linguagem traz um certo nível de formalidade

Texto 1: esquemas acionados

Declaração de amor – foco no texto literal

Homenagem – foco no contexto do universo artístico

Arte – foco na arte em si

O texto 1, com o título “Exposition : la déclaration d'amour de Douglas Gordon à Alberto Giacometti”, não é complexo e mesmo um leitor com conhecimentos básicos da língua francesa pode compreendê-lo. A questão aqui é que se fechar apenas para o componente linguístico em si pode levar a uma compreensão distorcida se não forem acionados outros elementos. Nesse caso, os outros elementos dizem respeito ao conhecimento de mundo sobre o universo da arte, por exemplo, quem são os artistas citados e sua importância nesse cenário. É importante ressaltar que não ter essas informações já no momento da leitura do título não impede a compreensão textual, mas serão necessárias mais informações do próprio texto e uma leitura mais cuidadosa na sequência.

Ainda no texto 1, o leitor inexperiente no quesito da arte, ou que não quer pensar um pouco mais, é levado a criar um esquema em torno de uma declaração de amor. Desse modo, ele vai inferir que o texto vai tratar de uma declaração romântica em forma de arte. Muito provavelmente isso ocorrerá se o leitor focar principalmente nas palavras “déclaration d'amour”. Em primeiro lugar, ressaltamos que é exatamente o que o texto diz e, no cenário atual, declarações de amor entre pessoas do mesmo sexo são totalmente normais, então é muito fácil ficar nessa leitura.

No entanto, um leitor mais atento pode acionar um esquema voltado para uma homenagem. Mesmo antes de ver o subtítulo, “A Paris, l'artiste écossais s'empare des œuvres du sculpteur suisse, dont il réussit à nous faire éprouver les reliefs”,

qualquer pessoa que tenha um mínimo de contato com o mundo da arte sabe que, nesse contexto, são comuns releituras de um artista admirado como forma de homenagem. Nesse subtítulo, “*s'emparer des œuvres*” se refere à ideia de retomar as obras, nesse caso, do escultor suíço, desse modo, o material linguístico desse trecho é capaz de fornecer elementos suficientes para compreender de que modo se dá a declaração de amor. É muito provável que um leitor com vastos conhecimentos do mundo da arte tenha

um esquema muito mais aprimorado, visto que conhece os artistas em questão e sabe que Giacometti já morreu e é representado por um instituto com seu nome. Diante dessa hipótese, trata-se de um texto de compreensão muito simples. No entanto, esse não é o caso dos leitores brasileiros em sua grande maioria e, por este motivo, também há a possibilidade de o leitor focar na imagem (disponibilizada logo a seguir) que acompanha o artigo e pensar na arte em si, como a escultura foi feita, onde será a exposição, entre outras.

Figura 2 – Douglas Gordon, Alberto Giacometti, « Main portant Figurine »



Fonte: Le Monde (2022)

É evidente que o texto completo vai explicar a relação entre os dois artistas e de que modo essa declaração foi feita por Douglas Gordon e o impacto dela para as artes. Todavia, a leitura do texto em sua íntegra é bem mais complexa e aciona, em alguns momentos, a depender do nível de proficiência, esquemas mais específicos e que se aproximam mais do texto em si e outros que se afastam um pouco. Além disso, devemos considerar que nenhum dos esquemas acima estão errados, eles apenas focam em aspectos diferentes e, provavelmente, ao longo da leitura do texto, o esquema será reconstruído de modo mais adequado ao texto. Não se pode esquecer também que o esquema acionado está diretamente ligado aos objetivos de leitura, assim, de acordo com

estes objetivos, os esquemas podem se diferenciar para atendê-los adequadamente.

Texto 2: Esquema acionado: Relação entre pais e alunos

Subesquemas: tipo de relação

- a) Interação pelo celular
- b) Avaliação dos professores em relação aos pais (nota 06)
- c) Obrigação dos professores em relação aos pais

O texto 2, com o título “*Ces profs qui donnent leur 06 aux parents: Je me demande si je n'ai pas mis la main dans un engrenage infini*”, aparentemente

apresenta um conteúdo mais cotidiano. Em termos linguísticos, é um texto que não exige tanto do leitor, principalmente por se tratar de algo muito mais corriqueiro do que o universo artístico e suas peculiaridades. O destaque desse texto vai para um elemento, o 06, que pode dificultar a compreensão inicial do título no caso de um leitor de língua estrangeira. Esse caso não se trata do desconhecimento linguístico em si, mas de questões referenciais, pois mesmo que o leitor reconheça o algarismo 06, visto que ele faz parte do nosso sistema numérico, ele continua sem entender do que se trata e isso pode levá-lo a acionar um esquema diferente, fazendo-o inferir em outras direções. Por se tratar de um número, os esquemas podem se voltar para valores como de notas ou até mesmo dinheiro, embora este último seja mais difícil de acontecer. O fato é que o leitor cria expectativas em direção a uma determinada leitura que pode se confirmar ou não.

Como de costume para um jornal, o texto traz elementos multimodais que auxiliam o leitor. Nesse caso, a imagem pode resumir tudo o que o texto apresenta de uma forma muito mais acessível, diferente do texto 1.

Figura 3 – charge sobre o trabalho do professor durante a pandemia



Fonte: Le Monde (2022)

Nesse texto, temos um único elemento que pode desencadear um problema para a construção de um esquema pelo menos aproximado de uma

compreensão adequada para o texto. Por se tratar de uma expressão familiar da língua francesa que se refere ao número do telefone celular, 06 se torna um elemento de difícil compreensão, já que na língua portuguesa, não temos nenhuma referência que se aproxime desse sentido atribuído na língua francesa. Desse modo, o leitor busca em sua própria língua uma referência a qual possa encaixar na sua leitura. Por esse motivo, há a possibilidade de que se entenda se tratar de notas, pois é algo que faz parte do universo do professor e também se enquadra perfeitamente a um número, com a ideia de valoração.

Se o leitor conhece a expressão 06, a compreensão do título do texto é imediata e ele vai inferir que o texto vai tratar dos problemas que podem ser gerados decorrentes dessa troca de números de telefones entre pais e professores e o inconveniente desse contato direto e constante entre ambos. Em contrapartida, quando o leitor desconhece a expressão, ele ainda consegue acionar o esquema <relação entre pais e professores>, mas não consegue distinguir claramente qual é essa relação. Nesse caso, ele vai inferir que se trata de notas ou qualquer outro elemento que faz parte de seu conhecimento de mundo que se encaixa de algum modo nessa relação e ele julgue fazer sentido.

O elemento 06 confere ao texto uma dificuldade de compreensão em relação ao título do texto, visto que não se trata de um elemento formal, ou uma palavra dicionarizada, mas uma expressão oral do cotidiano que somente falantes nativos ou falantes estrangeiros que apresentam níveis avançados de proficiência em língua francesa são capazes de compreender. No entanto, a sequência do texto dá indícios que possam resolver a questão quando na sequência traz expressões que possam desvendar o problema, como “*nombre de téléphone e groupe WhatsApp*”. Embora não pareça ser uma relação direta com a expressão problemática para o leitor não nativo, esses elementos podem fornecer pistas que levem o leitor a fazer essa associação.

7 Considerações finais

Os estudos sobre leitura, de um modo geral, são bastante produtivos e importantes para o cenário atual. Em um país, como o Brasil, onde os níveis de analfabetismo ainda são altos e a população que se diz alfabetizada ainda apresenta sérios problemas no que se refere à leitura, abordagens sobre leitura precisam ser constantes. Diante desse cenário, é importante abordar esses temas. Entendemos que nosso estudo é apenas uma gota no vasto oceano da leitura, porém também entendemos a necessidade de aprimorarmos nosso conhecimento nessa área e explorá-la no âmbito da leitura em segunda língua.

Neste trabalho, buscamos abordar aspectos básicos da leitura e como eles são aplicados na leitura em segunda língua no acionamento de esquemas que contribuem de forma efetiva para alcançar o objetivo principal da leitura, a compreensão. É importante ressaltar que a ideia não era fazer um trabalho exaustivo de análises de textos, nem uma pesquisa de campo, por isso fizemos uso de apenas dois textos como forma de exemplificar as possibilidades no campo do acionamento de esquemas na leitura em segunda língua.

Como resultado, percebemos que, a depender do esquema criado, as interpretações e inferências podem diferir bastante. No entanto, à medida que a leitura avança, o leitor reorganiza e restabelece seus esquemas com base na informação textual a qual ele tem acesso, mas sempre integrando seu objetivo de leitura e seu conhecimento de mundo.

Referências

BEAUDOIN, A. *Ces profs qui donnent leur 06 aux parents : « Je me demande si je n'ai pas mis la main dans un engrenage infini ».*
Disponível em: [Ces profs qui donnent leur 06 aux parents : « Je me demande si je n'ai pas mis la main dans un engrenage infini » \(lemonde.fr\)](http://lemonde.fr) Acesso em : 05 jun. 2022.

COURTILLON, Janine. *Élaborer un cours de FLE.*
Paris: Hachette, 2003.

DESMONS, Fabienne. et al. *Enseigner le FLE: pratiques de classe.* Belin, 2005.

GABRIEL, R.; MORAIS, J.; KOLINSKY, R. *A aprendizagem da leitura e suas implicações sobre a memória e a cognição.* Ilha do Desterro, v. 69, nº1. Florianópolis, jan/abr 2016. p. 061-078. Acesso em 02 de maio de 2022 <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2016v69n1p61>.

KATO, Mary. Fatores facilitadores e pré-requisitos na aquisição de leitura em segunda língua. In. *O aprendizado da leitura.* 3 d. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática.* 11 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

KLEIMAN, A. *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura.* 9 ed. Campinas: Pontes, 2004.

LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística.* Porto Alegre: Sagra: DC Luzzata, 1996.

MARQUEZ, N. A. G.; SILVANO, J. D. R. *A leitura: dos microprocessos aos macroprocessos, uma relação complementar.* Letras de Hoje, v. 54, n. 2, 2019. p. 154-161. Acesso em: 02 maio de 2022. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2019.2.32364>.

MARTINS, M. H. *O que é leitura?* São Paulo: Brasiliense, 2012.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura.* Trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: Armed, 1998.
DAGEN, P. Exposition : la déclaration d'amour de Douglas Gordon à Alberto Giacometti. Disponível em: [Exposition: la déclaration d'amour de Douglas Gordon à Alberto Giacometti \(lemonde.fr\)](http://lemonde.fr) Acesso em: 02 jun. 2022.